

## PRÁTICAS DE LETRAMENTO MULTIMODAIS EM AMBIENTE DIGITAL: UMA POSSIBILIDADE PARA REPENSAR A EDUCAÇÃO DE SURDOS\*

Aryane Santos NOGUEIRA  
(Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP)  
[aryane.santos.nogueira@gmail.com](mailto:aryane.santos.nogueira@gmail.com)

**RESUMO:** Neste artigo as práticas letradas multimodais em ambiente digital são compreendidas como processos de produção de significados em que múltiplas semioses estão em interação. O objetivo do trabalho é, por meio da análise de dois vídeos produzidos por surdos e postados no *YouTube*, contribuir para as discussões já existentes sobre o contexto educacional de alunos surdos e a utilização de tecnologias de informação e comunicação por este grupo minoritarizado, lançando luz sobre as implicações de um olhar diferenciado para essas práticas letradas que já vem acontecendo em ambiente digital ao repensar o processo de educação de surdos.

**PALAVRAS-CHAVE:** surdez; práticas letradas multimodais; ambiente digital.

*ABSTRACT: In this paper the multimodal literacy practices in the digital environment are understood as meaning making processes in which multiple semiosis interact. The aim is, through the analysis of two videos produced by deaf and posted on YouTube, to contribute to existing discussions about the educational context of deaf students and the use of information and communications technologies by this minority group, shedding light on the implications of a different view on these literacy practices that have been taking place in the digital environment so as to rethink the process of deaf education.*

**KEYWORDS:** *deafness; multimodal literacy practices; digital environment.*

### 0. Introdução

Não é de hoje que as pesquisas na área da surdez, principalmente aquelas com enfoque na educação de surdos, reclamam melhores condições de ensino e aprendizagem para esse grupo de alunos. Essas reivindicações ganharam força com a implementação de leis<sup>1</sup> que

---

\* Artigo apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada – PPGLA/UNICAMP – Doutorado em Linguística Aplicada para obtenção de qualificação na área de Linguagens e Tecnologias.

<sup>1</sup> Lei no. 10.436 de 24 de abril de 2002 e Decreto no. 5.626 de 22 de dezembro de 2005.

garantem o uso da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS – no contexto escolar. Mas, ainda assim, os alunos surdos encontram muitas barreiras em seu processo de educação.

Sob este olhar, este trabalho, alocado em uma visão transdisciplinar de Linguística Aplicada (CAVACANTI, 2006; SIGNORINI e CAVALCANTI, 2010, dentre outros) e a partir das contribuições de estudos dos novos letramentos (BRAGA, 2010; KRESS, 2005; MOITA LOPES, 2010; LANKSHEAR e KNOBEL, 2007; ROJO, 2009, entre outros) e da semiótica social multimodal de Kress (2010, 2012), também se alinha às problematizações sobre a forma como se apresenta a educação de surdos atualmente, se preocupando ainda com implicações diretas destas discussões sobre a produção de materiais por e para surdos e a formação de professores para esse contexto.

Neste sentido, este artigo tem a intenção de mostrar, por meio da análise de dois vídeos produzidos por surdos e publicados no YouTube<sup>2</sup>, novas possibilidades para se pensar a educação deste grupo. Esses vídeos são aqui entendidos como práticas letradas porque envolvem diferentes procedimentos e atividades em que operam variados produtos semióticos, resultando em materiais que comunicam e produzem significados. Os vídeos resultantes destes processos de produção multimodal são postados por aquele(s) que o produziu (ram) em uma rede social em ambiente digital, o que contribui para uma maior veiculação do material e participação, muitas vezes, bastante ativa dos espectadores, desencadeadas pelas interações via comentários ou mesmo pela produção de novos materiais.

Lançar um olhar cuidadoso para práticas letradas como essas ao repensar o processo educativo dos surdos em sala de aula, a formação de professores e a produção de materiais para e no contexto escolar, significa a possibilidade de vislumbrarmos *ganhos epistêmicos* (MOITA LOPES, 2010:398).

Estes ganhos vão além do fato de podermos compreender essas práticas como uma possibilidade de participação social e ativismo político dos surdos. Eles consistem muito mais na possibilidade de repensar a educação de surdos questionando a forma como ela vem acontecendo, porque observamos o uso de diferentes recursos semióticos em interação para produção de significados, ou seja, para a comunicação. Assim, há uma possibilidade de deslocamento do olhar para o aluno surdo como aquele que está sempre à margem das produções em sala de aula.

---

<sup>2</sup> YouTube é um site que possibilita aos seus usuários o carregamento e compartilhamento de vídeos (filmes, videoclipes, materiais caseiros) em formato digital. Todo esse material encontrado no YouTube pode também ser disponibilizado em outros sites e blogs. (<http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>, acesso em 19/12/2012)

## 1. Educação de surdos e o ambiente digital

Os estudos sobre a educação de surdos, como já apontado, têm indicado diversas dificuldades na adequada inserção e participação destes alunos nas salas de aula regulares (CAVALCANTI e SILVA, 2007; GÓES e TARTUCI, 2002; SILVA, 2005, entre outros). As barreiras enfrentadas neste processo passam pela falta de conhecimento por parte do professor das especificidades destes alunos, dentre elas, a diferença da língua utilizada e do aprendizado do português, e o que acontece, muitas vezes, é que o aluno surdo tem pouca participação em sala porque os conteúdos passados e a maneira como a aula é conduzida não respeitam estas características. Outro problema ainda maior é que não se acredita na capacidade e possibilidade de produção pelo aluno surdo. Assim, os conteúdos são simplificados e pouco aprofundados, e de suas produções, espera-se o mínimo possível.

Alguns trabalhos já indicaram a importância de se considerar as práticas de letramento neste processo, visibilizando a língua de sinais como primeira língua do surdo e o ensino do português escrito como uma segunda língua (GIORDANI, 2004; KARNOPP e PEREIRA, 2004; LODI et al, 2002; SILVA et al, 2010,2012, entre outros). Grande parte destas pesquisas também aponta o aspecto visual como bastante relevante para o processo de aprendizagem do surdo, havendo, portanto, de um modo geral, a preocupação de retirar esse aluno do lugar de margem que lhe restou em seu processo de educação.

Algumas destas inquietações também estão refletidas nas pesquisas que sugerem o uso das tecnologias de informação e comunicação como recurso viável para a participação social e o processo de aprendizagem de surdos.

Rosa e Cruz, por exemplo, no artigo "Internet: fator de inclusão da pessoa surda", de 2001, mostram a possibilidade de inserção e participação do surdo por meio do uso da internet. Para os autores, o uso da rede/web pelo surdo se faz importante porque permite o acesso a informações sem, muitas vezes, a dependência de intermediários para a comunicação. Como na internet os recursos escritos aparecem juntamente com "efeitos visuais" (ROSA e CRUZ, 2001:39), os autores acreditam na possibilidade de ela ser utilizada como ambiente para a aprendizagem de conteúdos variados e do português como uma segunda língua pelo surdo. Além disso, a internet é vista como espaço potencial para trocas e desmistificador do surdo como aquele que não é capaz de se comunicar.

Rosa e Cruz (2001), no entanto, ainda não consideram a possibilidade de comunicação em língua de sinais utilizando o recurso de produção de vídeos. Os autores justificam que estes recursos são ainda muito lentos, não permitindo a

comunicação em tempo real. No ano de 2007 este cenário já se encontrava bem diferente e Campos e Silveira (2007) se atentavam em dar algumas direções para os profissionais envolvidos com elaboração e adaptação de TICs<sup>3</sup> para surdos. A preocupação agora, para estas autoras, é a língua de sinais, e o acesso do surdo a essas tecnologias significa maior possibilidade de comunicação e até mesmo de aprendizagem desta língua, seja na sua modalidade visual (por meio da utilização de vídeos, avatares, imagens, desenhos) ou escrita (*sign writing*)<sup>4</sup>.

Com o advento das redes sociais, vemos que alguns pesquisadores também passaram a focalizar a participação dos surdos nestes ambientes. Garcêz (2006) aponta a internet, mais especificamente os fóruns nas redes sociais como o Orkut, como espaço e instrumento para tematizações e debates relacionados aos movimentos sociais dos surdos (reivindicação por direitos, por reconhecimento social, aceitação da Língua Brasileira de Sinais e identidades surdas). Para a autora, a participação dos surdos nestes espaços possibilita que diferentes temas e entendimentos da sociedade a respeito da surdez sejam discutidos e, muitas vezes, descristalizados. Também com base em material coletado na rede social Orkut, Machado e Feltes (2010:43) mostram que a comunidade surda tem se inserido cada vez mais na cultura digital. Os surdos analisados pelas pesquisadoras indicaram participação em comunidades virtuais ligadas a questões político-linguísticas sobre a comunidade surda e a língua de sinais, mas também em outras comunidades relativas a questões regionais, sugerindo, segundo as autoras, práticas identitárias mais amplas.

A discussão sobre o uso da internet e participação do surdo em ambiente digital continua presente em dois trabalhos do ano de 2009. Neves (2009) concluiu em seu trabalho que a grande maioria dos surdos jovens por ela pesquisados utilizavam regularmente a internet, sendo que a maior parte deles utilizava esta ferramenta apenas para comunicação, deixando para um segundo plano a aquisição de informação, por exemplo, em sites de busca. Mesmo relatando saber usar esta tecnologia, a pesquisadora destaca que os surdos responderam encontrar dificuldades neste ambiente, principalmente em relação à língua portuguesa.

Neste mesmo ano, Garcêz e Maia (2009) ressaltaram a internet como espaço que possibilita a expressão de grupos minoritários e marginalizados. Para as autoras, a internet dá essa possibilidade de voz aos grupos excluídos, ainda que existam barreiras digitais.

Os trabalhos de Neves (2009) e Garcêz e Maia (2009) deixam em aberto questões necessárias para reflexões futuras: a importância em focalizar maneiras para que haja implementação destas ferramentas de

---

<sup>3</sup> Tecnologias de Informação e Comunicação.

<sup>4</sup> Representação escrita dos sinais por meio de figuras que indicam a configuração de mão e o movimento do respectivo sinal representado.

comunicação, já bastante utilizadas pelos jovens em sua formação, e a necessidade de trabalhos futuros se ocuparem com outras formas de comunicação em diferentes tipos de ambientes virtuais, o que está em consonância com o objetivo deste artigo.

Assim como nas pesquisas apresentadas, neste trabalho também compreendo que a participação do surdo em práticas que envolvem as TICs e a internet se configura sim como uma maior possibilidade de comunicação – seja por meio da escrita ou da língua de sinais –, também como um maior acesso à informação, porque agregados à escrita aparecem os “efeitos visuais” e uma prática de aprendizagem com recursos diferentes daqueles comumente utilizados nas escolas.

Parece-me que nestes trabalhos há grande preocupação com a interação dos surdos com a sociedade maior – preocupação legítima se levarmos em consideração o contexto histórico-social de apagamento de sua língua, o que resultou também no apagamento da expressão do próprio indivíduo surdo. Mas, parece-me ainda mais importante nos preocuparmos com a maneira como isso pode ser implementado no ambiente escolar, modificando o modo como o aluno surdo é entendido em sala de aula, o que tem implicações diretas em sua participação e na forma como a sua educação passa a ser conduzida.

É preciso começar a olhar para essa participação em ambiente digital como produção que resulta no envolvimento do surdo em diferentes práticas letradas fazendo uso de diferentes linguagens e que atualmente permite outras formas de comunicação, não apenas pela escrita, mas pela sua interação com a imagem, o vídeo, a cor, o som, entre outras semioses, construindo novos significados. É o que pretendo mostrar na próxima seção, na qual são caracterizadas as práticas letradas multimodais de interesse para a educação do surdo.

## 2. As práticas letradas multimodais e a construção de significados em ambiente digital: análise de dois vídeos

Na sociedade atual é mesmo inegável o papel de destaque que vem sendo atribuído às novas tecnologias e ao uso da internet. As inovações tecnológicas são cada vez mais parte do cotidiano das pessoas, assim como vemos uma profusão de imagens, escritas, sons, entre outras semioses, que, em conjunto, circulam discursos e significados por meio das telas de televisores, computadores, celulares, outdoors e propagandas, jornais e revistas, entre outros meios.

Os trabalhos de Kress (2005), de Lankshear e Knobel (2007), do New London Group (1996) e de Prior (2005), entre outros, apresentam, de uma forma ou de outra, uma preocupação com as novas práticas letradas decorrentes destas mudanças tecnológicas observadas nos últimos anos. Vislumbra-se o fato de que as tecnologias se modificaram,

bem como algumas práticas decorrentes do uso destas tecnologias, nas quais deparamo-nos com múltiplas semioses operando simultaneamente.

Estes trabalhos, dedicados à compreensão das novas práticas letradas em ambiente digital, enfatizam a necessidade de pensá-las como socioculturalmente localizadas e, sob esta mesma perspectiva, os letramentos também são pensados como práticas propiciadoras de construção de significados. Essa nova forma de participação passa pelos recursos semióticos disponíveis e que vêm sendo utilizados para produção de significados de uma forma diferenciada, especialmente no ambiente digital.

Moita Lopes (2010), assim como Rojo (2009), também apresenta uma concepção expandida destes letramentos digitais. Para este autor, esses novos letramentos podem ser compreendidos como *práticas socioculturais situadas* já que,

[...] envolvem a participação colaborativa de atores sociais localizados sócio-histórico-culturalmente na construção conjunta de significados, mediada por instrumentos multissemióticos (textos, imagens, vídeos, sons etc.), em comunidades de práticas [...] no mundo digital. (MOITA LOPES, 2010:398)

A partir desta concepção, a tela do computador (e estendo esta noção para outros suportes e tecnologias), segundo Moita Lopes (2010:398), deixa de ser utilizada apenas para a busca de informações, podendo ser entendida como “[...] um lugar de construção, de disputa, de contestação de significados”. Ainda, sugere o autor, baseado em Lankshear e Knobel (2007), que estes entendimentos só são possíveis quando se compreende os novos letramentos digitais como práticas sociais de caráter colaborativo e participativo, a partir de uma mudança de *mindset* propiciada pela versão 2.0 da web.

Para Lankshear e Knobel (2007), entender o que são os novos letramentos requer pensar estas práticas como constituídas de *novos elementos técnicos* e *novos elementos éticos*. Para os autores não é possível entender estas novas práticas fora de uma perspectiva sociocultural que considere sempre o contexto histórico, social, econômico, político etc. Assim, estes novos elementos técnicos são entendidos como novos porque envolvem valores, perspectivas e orientações outras, diferentes daquelas veiculadas pelas práticas convencionais de letramento. Os novos elementos técnicos são vistos como significativos porque “[...] possibilitam que as pessoas construam e participem de práticas letradas que envolvem diferentes tipos de valores, sensibilidades, normas e procedimentos [...]” (Lankshear e Knobel, 2007:7), sejam estas práticas tradicionais ou não.

As novas práticas letradas, como mencionado acima, também envolvem novos elementos éticos (cf. LANKSHEAR E KNOBEL, 2007:9). Isto significa entender estas novas práticas como muito mais *participativas, colaborativas e distributivas*, o que caminha no sentido contrário do que comumente define as práticas letradas convencionais, vistas como mais centradas na noção de autoria e com regras e normas mais fixas. A internet e as novas tecnologias digitais são compreendidas não apenas pelas informações que elas veiculam e armazenam, mas pelas novas relações que elas possibilitam: participação em lugar de uso, interatividade e agenciamento em lugar de consumo e recepção, colaboração e conhecimento compartilhado, *novas formas de fazer e de ser* (LANKSHEAR E KNOBEL, 2007:10).

Em consonância com esta visão, Moita Lopes (2010) aponta que as tecnologias também podem ser entendidas como *práticas de ação sociopolítica*, uma vez que as novas práticas letradas digitais permitem que questionemos significados tradicionais que há muito pautaram nossas histórias de vida. Na mentalidade da web 2.0 operamos sob a lógica da colaboração e da participação e vemos ampliadas nossas possibilidades de compartilhamento de informações e de participação em redes de relações sociais, ficando muito menos evidente o papel da autoria e muito mais a ação colaborativa, o que dá ao usuário “[...] a possibilidade de agenciamento, de atuar politicamente e de ser [...] um ativista político, ou seja, de defender seus pontos de vista ou de agir no mundo para transformá-lo de uma forma ilimitada e ampliada” (Moita Lopes, 2010:400). Deste modo, percebemos os usuários envolvidos na construção de significados com os outros e, nessas práticas de discussão e negociação, vemos serem construídas subpolíticas a partir de temas deflagrados pelos próprios usuários. Esses temas, ainda segundo Moita Lopes (2010), indicam limites impostos por narrativas já sedimentadas e que muitas vezes devem ser ultrapassados.

Nesse mesmo sentido pode ser compreendido o trabalho de Braga (2010:373), uma vez que esta autora defende que o maior acesso às TICs e à internet, embora por si só não assegurem a participação social, propiciam “[...] novos espaços para circulação social em práticas letradas diversas”.

Para Braga (2010) a apropriação das TICs (e estendo esta apropriação às práticas que são relacionadas ao mindset da web 2.0 de um modo geral) pode levar a mudanças sociais complexas, podendo gerar resultados que inicialmente nem foram previstos, uma vez que novas formas de construção de sentido são viabilizadas. Este pensamento vai ao encontro do que anuncia Moita Lopes (2010), já citado acima, posto que em ambos os trabalhos vemos que os autores posicionam-se em defesa da ideia de que, a partir desses novos letramentos, propiciados pelo uso das novas tecnologias e,

principalmente, por meio das práticas viabilizadas pelo uso da internet, vemos ampliadas as possibilidades de questionamento, construção e reconstrução de novos significados para realidades já sedimentadas.

Com respeito à construção de significados em ambiente digital, a abordagem social-semiótica multimodal de Kress (2010, 2012) pode trazer importantes contribuições. Para Kress (2010) a globalização acarretou muitas mudanças no domínio da significação: no campo da representação e produção semiótica passamos, por exemplo, de um período grande de dominação da escrita para um aumento significativo do uso de imagens e outras modalidades. Já no campo da disseminação e distribuição de mensagens e significados, os livros e as páginas cederam espaço para as telas.

Estas mudanças criaram condições que demandam que os indivíduos assumam o agenciamento na produção de material semiótico, o que, de acordo com Kress (2010), nos leva à necessidade: a) de compreendermos que o processo de construção de significados, ou seja, a própria comunicação, lida com a produção de signos, e b) de analisarmos esses processos com base nos múltiplos recursos semióticos que nestes estão em interação.

Os signos, para Kress (2010:9-10), entendidos como uma junção motivada de forma e significado, são a expressão do interesse de um indivíduo formado socialmente e que, com esses signos, torna real seus significados, usando para isso recursos semióticos (diferentes *modes*) culturalmente válidos. Cada um dos *modes* utilizados tem potenciais para produção de significados distintos, por isso Kress propõe que devemos nos preocupar também em compreender os significados veiculados por meio do uso de diferentes *modes* simultaneamente (cf. KRESS, 2010, 2012).

Portanto, sugiro neste artigo que, considerar todos os aspectos levantados a respeito dos novos letramentos ao refletir sobre o processo educacional de surdos significa, na verdade, a possibilidade de vislumbrarmos *ganhos epistêmicos* (MOITA LOPES, 2010:398) para a área de educação de surdos. Isso porque focalizar os novos letramentos sob a ótica anteriormente apresentada nos permite pensar essas práticas como um objeto de estudo complexo e multifacetado. Não se descarta a importância das novas tecnologias, já que sem elas seria difícil pensar que práticas letradas tais como as que ocorrem nos dias de hoje estariam acontecendo. Também não se rejeita o fato de que as mudanças decorrentes dessa nova atitude mental são também propiciadas pelos usos sociais que se faz destas tecnologias, principalmente com a web 2.0. A multiplicidade de semioses a que estamos expostos é outro fator que não é deixado de lado, uma vez que nessas novas práticas letradas construímos significados por meio do uso de ferramentas em que cada vez mais se observa a possibilidade de

mistura de diferentes modalidades (cf. KRESS, 2010, 2012). E é na construção de significados outros que podemos ver essas novas possibilidades de participação social (cf. BRAGA, 2010), já que as tecnologias digitais deram acesso a diversas vozes e oportunidade de produção de discursos e construção de subpolíticas (cf. MOITA LOPES, 2010) muitas vezes questionadoras ou transgressoras à realidade que nos é apresentada.

Com a finalidade de ilustrar a discussão que vem sendo apresentada, serão analisados, a seguir, dois vídeos<sup>5</sup> que foram disponibilizados no YouTube por surdos de regiões diferentes do sul do Brasil. Nos vídeos os surdos discutem, de um modo geral, sobre questões de preconceito a partir dos seguintes temas: surdofobia, audismo e homofobia.

O primeiro vídeo, intitulado ***Surdofobia nº 001***, foi enviado pelo surdo Pedro<sup>6</sup> em 13 de setembro de 2010.



**Figura 1. Início do vídeo *Surdofobia nº 001***

A figura 1 acima representa o primeiro momento do vídeo *Surdofobia nº 001*. Como pode ser visto na figura, o autor decide iniciar seu vídeo chamando a atenção dos espectadores utilizando como recurso a escrita e, portanto, observa-se que desde esse primeiro momento há a escolha das palavras a serem utilizadas, a tipografia e as cores, combinados de maneira a produzir significados (cf. SELIGER,

<sup>5</sup> O conteúdo em LIBRAS dos vídeos aqui analisados foi transcrito para o português escrito com o auxílio de uma intérprete de Língua Brasileira de Sinais e um surdo adulto. Durante a análise serão apresentados apenas alguns trechos de maior relevância para a discussão presente neste trabalho. Além do conteúdo das transcrições, serão também apresentados os comentários postados, tanto pelos próprios autores dos vídeos, como por usuários que os assistiram, uma vez que estes são vistos como participantes da interação desencadeada pela postagem dos vídeos.

<sup>6</sup> Todos os nomes encontrados neste trabalho são fictícios.

2008). Logo abaixo do vídeo, aparece ainda o seguinte comentário do autor (quadro 1):

<sup>7</sup>Atenção mais importante pra surdos. o que é Surdofobia? aproveito que explicar pra surdos. ok! por favor, vocês podem informar pra todos surdos ou ouvintes. ok! abraços...Vamos contra a luta SURDOFOBIA E HOMOFOBIA.

Quero sem homofobia sem surdofobia... SIM RESPEITO DIREITO HUMANO.  
Abraços. PEDRO

**Quadro 1. Comentário postado pelo autor do vídeo *Surdofobia nº 001* em 13/09/2010**

Novamente o autor do vídeo chama a atenção para a importância do tema. Além disso, ao olharmos apenas para o título do vídeo, sem inicialmente relacioná-lo ao seu conteúdo, seria possível pensar que Pedro pretendia iniciar uma discussão sobre o tema *surdofobia*, uma vez que utiliza este termo no título proposto seguido de *nº 001*. No entanto, ao ler o comentário postado pelo autor, vemos que Pedro parece estender a sua discussão ao apresentar também o termo *homofobia*. Em seu comentário, Pedro anuncia que irá explicar para os surdos o que significa *surdofobia* e aproveita para solicitar àqueles que assistirem ao vídeo a divulgação das informações adquiridas para outros surdos e também ouvintes. Além disso, em seu comentário, o autor do vídeo já se posiciona contra a surdofobia e a homofobia: "Vamos contra a luta SURDOFOBIA E HOMOFOBIA. Quero sem homofobia sem surdofobia... SIM RESPEITO DIREITO HUMANO".

Como já dito, a modalidade escrita aparece no início do vídeo. Na figura 1 o enunciado "Galera! Atenção" aparece como um recurso para tentar prender a atenção de seu interlocutor e, logo em seguida, a palavra *surdofobia* (figura 2) aparece em vermelho em um fundo preto e com efeitos de movimento que parecem reafirmar a preocupação com o tema<sup>8</sup>: novamente aqui a escolha tipográfica de cores e efeitos funciona visualmente de uma maneira retórica, com a intenção de prender a atenção do espectador ou mesmo convencê-lo da importância do que será apresentado (cf. SELIGER, 2008).

<sup>7</sup> É preciso considerar aqui as particularidades da escrita do surdo que tem o português escrito como uma segunda língua. Assim, sua escrita pode apresentar influências de sua primeira língua, a Língua Brasileira de Sinais, tais como a ausência de artigos, preposições e dificuldade no emprego da concordância verbal e nominal do português.

<sup>8</sup> Para Kress (2012), é possível pensar em algumas regularidades quando se fala sobre os *modes* porque estes são recursos semióticos usados com frequência e, muitas vezes, em situações semelhantes.



**Figura 2. Palavra surdofobia em destaque: utilização de cores e efeitos de movimento.**

Logo após, o autor do vídeo se apresenta (nome e sinal<sup>9</sup>) e apresenta também o lugar de onde ele fala: Pedro é presidente da Equipe Brasileira de LGBT<sup>10</sup> Surdos. Também a vestimenta utilizada pelo surdo (figura 3) indica o lugar de onde parte seu posicionamento, como pode ser visto abaixo. O logo presente na camiseta do surdo traz as cores da bandeira característica dos movimentos homossexuais.



**Figura 3. Apresentação do surdo no vídeo *Sur dofobia n° 001*.**

A partir deste momento, Pedro passa então a apresentar sua explicação sobre a *surdofobia* e se utiliza do conceito de *homofobia* como exemplificação. Durante a explicação, o vídeo se configura visualmente como na figura 3 acima, com um fundo bege e o surdo Pedro sinalizando à sua frente:

<sup>9</sup> Esta forma de apresentação é característica das comunidades surdas usuárias de língua de sinais.

<sup>10</sup> Sigla utilizada para designar lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros.

"Eu vou explicar... Os surdos me perguntam muito, não conhecem surdofobia... Alguns conhecem sim, mas alguns não conhecem... Então, eu vou aproveitar e explicar sobre [...] surdofobia. Por exemplo, você conhece homofobia? Então, imagine dois ouvintes, por exemplo, o ouvinte se aproxima e vê: "Ele é gay! Que medo, ele é gay, eu não sabia!". O ouvinte [gay] diz: "Medo de mim? Vou reagir!". [Isso é] homofobia... Então, por exemplo, troca... [e se fosse] surdo, então?"

**Quadro 2. Trecho transcrito do vídeo *Surdofobia nº 001*.**

No trecho acima destacado (quadro 2), Pedro explica a homofobia por meio da encenação de um encontro entre dois ouvintes, sendo um deles gay. Quando ambos se aproximam, um dos ouvintes anuncia sua aversão em relação ao ouvinte gay ("Ele é gay! Que medo, ele é gay, eu não sabia!"), enquanto o ouvinte gay repudia o comportamento do outro ("Medo de mim? Vou reagir!"). Para Pedro, a apresentação do conceito de homofobia parece ser uma analogia viável para a definição de surdofobia. Sobre isso, ele diz: "Então, por exemplo, troca... [e se fosse] surdo, então?" e ele continua:

"Só surdo então... "Você está rindo de mim"? Eu sou gay! Vou reagir!" Gay e tem mais, eu sou surdo, sofro duas vezes, duas, nossa! Dentro de duas [categorias], nossa!".

**Quadro 3. Trecho transcrito do vídeo *Surdofobia nº 001*.**

Podemos dizer ainda que a analogia não está apenas no conteúdo da fala de Pedro, mas, como pode ser visto nas figuras 4 e 5 abaixo, está no próprio sinal empregado para designar os termos homofobia e surdofobia, que utilizam uma mesma lógica. Os dois termos aparecem representados na LIBRAS por meio de um sinal composto: o segundo sinal utilizado (palma da mão aberta sobre o ombro) é o mesmo para os termos surdofobia e homofobia e quando utilizado de forma isolada, transmite o significado de preconceito.



**Figura 4. Sinal de SURDOFOBIA.**



**Figura 5. Sinal de HOMOFOBIA.**

Pedro continua sua explicação dramatizando o encontro de um gay surdo com outra pessoa (quadro 3). Neste caso, o surdo, que é vítima de preconceito (“Você está rindo de mim?”), é quem repudia o comportamento da outra pessoa (“Eu sou gay! Vou reagir!”). Nesse momento, o autor do vídeo indica a existência de duas categorias, gay e surdo, o que significa, segundo ele, muito sofrimento (“Gay e tem mais, eu sou surdo, sofro duas vezes, duas, nossa! Dentro de duas [categorias], nossa!”).

Em seguida, o autor do vídeo convoca os surdos a prestarem muita atenção nas questões por ele apontadas. Para validar sua preocupação com o tema, Pedro lança mão de mais um recurso imagético: ele mostra um trecho de filmagem de uma passeata contra a homofobia que fora veiculado em um jornal televisivo (ver figura 6). Para introdução desse vídeo, Pedro utiliza recursos gestuais e efeitos de transposição de imagens.



**Figura 6. Sequência de quadros para inserção de vídeo sobre passeata contra homofobia. Utilização de efeitos visuais e gestuais.**

A inserção do trecho de vídeo por Pedro parece mostrar sua preocupação em validar as informações sobre o tema abordado em seu próprio vídeo como mais uma forma de persuadir seu espectador. No primeiro quadro da figura 6, vemos que Pedro faz o sinal de ver, convidando seus espectadores a visualizarem o conteúdo do vídeo. Na função de argumentador, Pedro convida os seus espectadores a verem por eles mesmos as evidências visuais (cf. DOVE, 2012; KJELDSEN, 2012) do que ele vem apontando, ou seja, a chamada para participação em movimentos contra o preconceito.

A seleção de imagens, sejam elas estáticas ou em movimento, tem a intenção clara de comunicar significados, sendo esta escolha motivada pela intenção do próprio autor do vídeo, pelas suas crenças e expectativas em relação aos seus espectadores, ao mesmo tempo em que esta escolha respeita, ainda que minimamente, determinados códigos comuns entre aquele que produz o material significativo e sua audiência (cf. KRESS, 2012; SELIGER, 2008).

É interessante notar ainda que não há qualquer tipo de adaptação do material audiovisual para os surdos. Os critérios mais comuns para acessibilidade a esses conteúdos que temos atualmente são a inserção de janelas de interpretação ou legendas/audiodescrição (cf. GUTIERREZ, 2011)<sup>11</sup>.

No caso do material selecionado por Pedro, vemos que nenhuma destas alternativas para acessibilidade é utilizada. Ainda assim, a inserção dele mostra um aspecto interessante, uma vez que há uma transformação do significado original do vídeo-notícia que ganha outros significados (cf. DOVE, 2012) na medida em que parece importar muito mais a dimensão visual do material, ou seja, os significados veiculados pela imagem (pessoas organizadas em passeata, bandeira contra a homofobia) do que sua dimensão sonora, o que estava sendo dito oralmente pela repórter.

Para Pedro, os surdos também deveriam fazer parte daquelas passeatas e é com esse apelo que ele encerra o seu vídeo: pede ampla divulgação do tema e espera que as pessoas entrem em contato com ele via e-mail (*"Por favor, vocês, vão, chamem, convoquem, divulguem! Só os gays e lésbicas? Não! Também os negros podem, também os idosos podem, diferentes, qualquer um. Divulguem, vamos combinar! O*

---

<sup>11</sup> Em sua pesquisa sobre produção de materiais audiovisuais por surdos, Gutierrez (2011) aponta os critérios de acessibilidade para este tipo de material quando direcionados ao público surdo. No entanto, quando os surdos participantes de sua pesquisa estavam envolvidos com a produção de material audiovisual, estes escolheram por privilegiar os aspectos visuais em suas produções, mas não descartaram os aspectos sonoros, porque os utilizaram como ferramenta de acessibilidade aos ouvintes.

*contato por e-mail então, por favor, divulguem, ok! Eu vou esperar por você, obrigado, tchau!”).*

É possível perceber, portanto, que Pedro não se preocupa em definir de forma explícita o que significa *surdofobia* em sua percepção. Como dito acima, a analogia com a explicação sobre homofobia parece servir ao propósito maior do vídeo: chamar os surdos (e outros) a participarem desta discussão. Além disso, vemos que o comentário descritivo do vídeo, escrito por Pedro, já parecia indicar esta como uma possível leitura de seu vídeo, sendo plausível imaginar que o mesmo não falaria apenas sobre *surdofobia*, mas também sobre homofobia.

O vídeo de Pedro foi comentado por dois usuários. Como é possível ver a seguir (quadros 4 e 5), o primeiro comentário mostra-se favorável ao conteúdo do vídeo. Já o segundo, parece tentar explicitar o conceito de *surdofobia* que Pedro apresenta apenas de forma implícita.

MUITO BOM ISSO!

**Quadro 4. Comentário enviado por Tadeu.**

Ola Pedro, conheço vc lembra de mim..sou Silvio. Gostaria de explicar uma coisa... a palavra FOBIA está ligado a medo de alguma coisa, preconceito .. mas SURDOFOBIA é mais ou menos pessoas que tem medo ou nao gostam de surdos, nao tem nada com surdo gays, é somente s surdo..entendeu?

**Quadro 5. Comentário enviado por Silvio.**

O segundo comentário chama a atenção, pois, a partir da definição do termo *fobia* "*a palavra FOBIA está ligado a medo de alguma coisa, preconceito*", Silvio, o autor do comentário, relaciona *surdofobia* às pessoas que "*tem medo ou não gostam de surdos*" e descarta a possibilidade de relação com o tema da homossexualidade "*não tem nada com surdo gays, é somente s surdo, entendeu?*".

Raciocínio (em parte) semelhante aparece no segundo vídeo que passo a apresentar. O vídeo intitulado **RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002** foi postado em 14 de setembro de 2010, apenas um dia após o primeiro vídeo ter sido enviado. Como o próprio nome do vídeo sugere, este se refere à discussão já iniciada no vídeo anterior (*Surdofobia nº 001*) e nele aparecem, em momentos diferentes, três surdos, sendo que o primeiro deles, Rafael, é o responsável por apresentar o tema que será tratado no vídeo e os outros dois por apresentarem a discussão (ver figuras 7, 8 e 9).



**Figura 7. Surdo 1 (Rafael). Figura 8. Surdo 2 (Rodrigo).  
Figura 9. Surdo 3 (Ricardo).**

Assim como no vídeo *Surdofobia nº 001*, em *RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002* vemos, logo de início, de que lugar os surdos falam. A tela inicial apresentada é da ACALS – Associação Catarinense de LGBT Surdos (figura 10). Ao iniciar a apresentação do vídeo, o surdo refere ter assistido ao material postado por Pedro (Surdofobia nº 001) e ter se sentido incomodado em relação ao posicionamento apresentado sobre o tema *surdofobia*. Ele anuncia que o vídeo *RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002* foi elaborado, portanto, com o intuito de tornar o tema mais claro, o que de alguma forma responde ao chamado do primeiro vídeo para que os surdos participem deste tipo de discussão.



**Figura 10. Início do Vídeo *RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002*.**

É ainda interessante notar que ao apresentar a discussão que irá se seguir no vídeo, este surdo, logo de saída, já sinaliza as palavras *surdofobia* e *homofobia* em lados opostos do vídeo (figuras 11 e 12), o que muito provavelmente já tinha a intenção de marcar a diferença entre os dois termos que seriam discutidos ao longo da apresentação, já que este é um recurso bastante utilizado por usuários da língua de sinais para marcação da diferença/oposição.



**Figura 11. Soletração da palavra homofobia. Figura 12. Soletração da palavra surdofofia.**

Os dois outros surdos presentes no vídeo, Rodrigo e Ricardo, expõem argumentos que se mostram desfavoráveis à definição de surdofofia apresentada no vídeo *Surdofofia nº 001*. Rodrigo apresenta o conceito de *audism*<sup>12</sup> fazendo referência a outro vídeo disponível no YouTube que, segundo ele, explica detalhadamente o tema. Neste caso, os autores do vídeo não optaram por trazer trechos do vídeo sobre *audism*, mas apenas disponibilizaram o link para o mesmo (figura 13).



**Figura 13. Apresentação de link para o vídeo sobre audismo.**

A figura 13 acima exemplifica o aspecto visual apresentado ao longo de todo o vídeo. Como já dito, o vídeo *RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002* conta com a participação de três surdos sinalizadores. A cada mudança de sinalizador, são utilizados efeitos simples de transição e mudam as cores de fundo (ver figuras 7, 8 e 9). Em momentos específicos, aparecem as palavras-chave do conteúdo que está sendo apresentado, escritas em vermelho.

<sup>12</sup> No vídeo, os surdos apresentam o termo *audism* (audismo, em português), tipicamente usado para referenciar as diferentes formas de discriminação (física, cultural, linguística) sofridas por surdos, tanto em relação aos ouvintes, como em relação aos próprios surdos.

Dando continuidade ao vídeo, Ricardo, o terceiro surdo participante do vídeo, retomando a discussão sobre homofobia iniciada pelos outros surdos, apresenta-se favorável ao uso da expressão *audism*, já utilizada inclusive em outros países, em lugar do termo surdofobia. Ricardo constrói seu argumento da seguinte forma: inicialmente ele retoma o tema da homofobia com uma explicação detalhada da relação entre os termos *homo* e *fobia* (quadro 6). Fobia, nesse caso, se apresenta como algo muito mais violento, diferentemente da forma como fora apresentado no primeiro vídeo (*Surdofobia nº 001*).

"[...] a palavra "homofobia", o termo "homo" significa lésbica, gay, travesti. Então, juntando os dois termos homo e fobia, o que eles são? Lembra dos grupos de gays, de passeatas e grupos de ouvintes, o que eles fazem? Os ouvintes, eles são contra, brigam, batem, essas pessoas matam os gays. O que significam, esses que atacam os gays? É a FOBIA! Então esse grupo [grupo de homofóbicos] percebe a força do preconceito [...] por isso mata, destrói, briga [...] Então vocês entenderam bem o que é a palavra homofobia, ok?"

**Quadro 6. Trecho transcrito do vídeo RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002.**

Em seguida, ele retoma o conceito de *audism*<sup>13</sup> apresentado anteriormente por Rodrigo, explicando sobre o tipo de preconceito sofrido pelos surdos em relação aos ouvintes (quadro 7).

"[...] agora eu vou explicar [...] a palavra audism... então o audism é parecido... tem o grupo de ouvintes e o grupo de surdos. Os ouvintes pensam que são superiores, pensam coisas contra o grupo de surdos, eles falam: "Ah! Os surdos são deficientes, os surdos não têm capacidade, os surdos não têm língua!" e os surdos percebem isso."

**Quadro 7. Trecho transcrito do vídeo RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002.**

E só então Ricardo explica por que dizer *audism* parece ser mais adequado que surdofobia, já que para ele o segundo termo, muito semelhante à homofobia, carregaria um significado equivocados sobre o preconceito que os surdos sofrem em relação aos ouvintes (quadro 8):

<sup>13</sup> Chamo atenção para o fato de que Ricardo, ao retomar o conceito de audismo, se refere apenas à discriminação dos ouvintes em relação aos surdos e não de grupos de surdos em relação a eles próprios.

"Então, comparando o conceito de Audism e Homofobia [...] Então agora, lembra da palavra Surdofobia? [...] Então, eu pergunto para você... tem grupo de ouvintes matando o grupo de surdos? Tem grupo de ouvintes matando o grupo de surdos? Fobia, eu acredito que não existe, mas o Audism existe. Por que? Entre o grupo de ouvintes e o grupo de surdos, o que falta? A comunicação, só. Eu nunca vi um grupo de ouvintes matando surdos porque não sabem o português [...] eu nunca vi o grupo de ouvintes matando surdos porque não falam [oralizam]."

**Quadro 8. Trecho transcrito do vídeo RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002.**

*RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002* também foi comentado, não só por pessoas que assistiram ao vídeo, como pelo próprio responsável por enviá-lo, que aproveita este espaço para chamar os surdos a lutarem contra o preconceito em relação ao surdo: "Então nós vamos fazer a lutar dos surdos contra 'surdofobia' ....e ,,,,,, 'Audismo' ok?"

Tadeu, que já havia comentado positivamente o primeiro vídeo, deixa outro comentário e se mostra alinhado ao posicionamento defendido neste segundo vídeo: "PARABÉNS PELA EXPLICAÇÃO! MUITO BOM TUDO ISSO!". Este também vem a produzir um vídeo intitulado *SURDO GAY - PRECONCEITO*, enviado em 20 de setembro de 2010, muito provavelmente incitado pelas discussões presentes em ambos os vídeos e pelas interações via comentários. No entanto, algum tempo depois o vídeo é retirado de circulação pelo próprio autor.

A partir das análises apresentadas, é possível perceber que ambos os vídeos têm um caráter argumentativo claro, no entanto, diferem quanto ao uso dos recursos semióticos, o que tem reflexos diretos na forma como seus discursos são apresentados/organizados. No vídeo *Surdofobia nº 001* vemos que as cores, escritas e imagens em interação (cf. KRESS, 2010, 2012; LEMKE, 2010) tinham uma função muito clara de sensibilizar e persuadir sua audiência para a questão tratada no vídeo, salientando sua importância e convidando outros surdos e ouvintes para a discussão.

Os recursos semióticos selecionados, tais como as cores das palavras e trecho de vídeo de passeata contra homofobia podem ser entendidos como recursos retóricos com intenção clara de convencer o espectador e indicar a importância do assunto tratado no vídeo. Em *Surdofobia nº 001*, a maneira como o discurso do surdo é construído se assemelha aos parâmetros que Bienvenu (1993) e Roy (1989), citados por Christie, K. *et al* (2006), elencaram como característicos do discurso em língua de sinais<sup>14</sup>: a abertura do discurso inclui a apresentação do tópico principal. A expansão deste tópico é considerada a parte central do discurso e conta com a utilização de recursos como explicações, adição de informações (históricas, flashbacks), elaborações por meio da

<sup>14</sup> No caso dos autores, em ASL – Língua de Sinais Americana.

linguagem ou de imagens. Para encerrar o discurso, há um retorno do foco da audiência para o tópico inicial.

Em contrapartida, no vídeo *RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002*, percebemos uso de recursos semióticos diferenciado: levando em consideração que o vídeo fora produzido como resposta (*RE:*) ao vídeo *Surdofobia nº 001*, a preocupação de seus autores não está na utilização de efeitos visuais variados, mas muito mais com a defesa de um posicionamento. Discutir e esclarecer os termos fobia, surdofobia, homofobia e audismo parece ser o aspecto central e condutor da organização do vídeo, que parece mais preso ao modelo clássico de argumentação – apresenta-se o tema, os argumentos e uma tese é defendida – seguindo muito mais o padrão científico.

Se pensarmos na história da educação de surdos no Brasil e no exterior e nas diferentes representações da surdez e do indivíduo surdo que se mantiveram (e ainda se mantém, de maneira mais velada) presentes durante muito tempo, ficaria difícil pensar em surdos discutindo sobre os temas acima mencionados (e não apenas restritos a conceitos concretos), já que, assim como apontou o surdo Rodrigo, por muito tempo foram atribuídos aos surdos rótulos pautados na deficiência, na incapacidade de comunicação por uma língua oral, na dificuldade de aprendizagem e na não aceitação de sua forma de comunicação visual-gestual.

A estigmatização dos surdos residiu essencialmente na imputação da falta. A falta de uma *característica eminentemente humana* (conforme crítica apresentada em Santana e Bergamo, 2005:566): a linguagem, principalmente na modalidade oral, mas também escrita, e os atributos cognitivos que a elas são atribuídas, fator que contribuiu para a exclusão desse grupo. Como não se considerava as línguas de sinais uma forma legítima de comunicação, a ausência de uma língua representava nos surdos também a ausência de tudo o que uma língua pode representar: capacidade de comunicação, pensamento, abstração e aprendizagem (cf. SANTANA E BERGAMO, 2005).

A apresentação desses vídeos vem evidentemente mostrar uma visão na direção contrária ao que por muito tempo definiu a surdez, embora essa não seja uma discussão inaugurada neste trabalho, uma vez que podem ser elencadas muitas outras pesquisas que caminham no mesmo sentido (CAVALCANTI e SILVA (2007); GESUELI (2004); GIORDANI (2004); KARNOPP e PEREIRA (2004); LODI *et al* (2002); SANTANA e BERGAMO, 2005; SKLIAR, 1998; SILVA *et al* (2003); dentre outros)<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> Embora todos estes pesquisadores e autores compartilhem de um mesmo posicionamento, que afasta a surdez de uma concepção patologizante, esses trabalhos não contemplam a participação dos surdos em ambientes digitais.

No entanto, muito além disso, ao analisar esses vídeos pretendi mostrar, assim como apontou Moita Lopes (2010), como os grupos sociais, neste caso os surdos, têm se utilizado da tecnologia e dos novos letramentos como forma de fazer política que viabiliza a defesa de pontos de vista e a possibilidade de ação no mundo, para transformá-lo por meio de uma nova forma de participação social (cf. BRAGA, 2010) fazendo uso das possibilidades multi semióticas para comunicar e construir significados (cf. KRESS, 2012; LEMKE, 2010).

As interações entre os surdos acima destacadas foram viabilizadas pelo uso de ferramentas de postagem de vídeos e de inserção de comentários disponíveis na internet. Assim como apontou Braga (2010), o acesso dos grupos sociais a essas tecnologias permitiu não só que eles tivessem contato com outros discursos, como também pudessem ser eles mesmos produtores de discursos que poderiam ser destinados a um número muito maior de pessoas. E a internet, como mostrou Moita Lopes (2010), nos dá essa possibilidade de ampliarmos nossos relacionamentos sociais para além das interações familiares, da escola ou do local de trabalho.

Nos vídeos, vemos que os surdos discutem temas de relevância na atualidade, tais como o preconceito em relação aos homossexuais e também o preconceito sofrido pelos próprios surdos, ficando evidente nos trechos transcritos e comentários que foram destacados o chamado dos surdos para a discussão e luta contra o preconceito. Também fica evidente que a discussão, iniciada localmente, assim como mostrou Pedro “[...] os surdos me perguntam, perguntam, não conhecem surdofobia, alguns conhecem sim, mas alguns não conhecem [...]”, se expande no momento em que o vídeo é disponibilizado na internet e não se encerra com a apresentação dos vídeos, pois o que temos agora é a manifestação em espaço público aumentado de uma discussão que provavelmente poderia acontecer em espaços mais restritos. No entanto, é nova a visibilidade dada a essas interações e o alargamento da rede de pessoas envolvidas na interação (não necessariamente da mesma cidade, mesma instituição etc.).

É possível perceber isso, por exemplo, quando se olha para o número de acessos que os vídeos *Surdofobia nº 001* e *RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002* tiveram: 480 e 679 exibições respectivamente, e também para o fato de que cada um dos vídeos foi produzido por surdos de regiões diferentes do sul do Brasil e, muito provavelmente, embora não tenhamos acesso a esses dados, assistido e comentado por surdos e ouvintes de outras regiões.

Podemos ver, portanto, uma nova forma de participação social dos surdos, na qual há construção colaborativa de significados por meio de discussão, colocação de posicionamentos e questionamentos em interações viabilizadas pela internet em novas práticas letradas digitais.

Entender essas novas formas de construção de significados ocasionadas pelo uso sociais das tecnologias (cf. BRAGA, 2010), sobretudo sobre como mobilizar recursos visuais em favor dos argumentos, pode ser um ponto de partida para professores e profissionais que atuam no contexto da surdez.

Assim como apontou Lemke (2002, 2010), por muito tempo se acreditou na possibilidade de construção de significados com a língua de forma isolada, por exemplo, de movimentos do corpo ou imagens. A lógica do logocentrismo (e do grafocentrismo) conferia essencialmente à língua, principalmente na forma escrita, essa autoridade. No entanto, ao observarmos as novas práticas letradas em ambientes digitais, vemos o poder de construção de significados ser multiplicado ao nos depararmos com o uso de diferentes semioses simultaneamente:

[...] o significado da palavra se modifica através do contexto imagético e o significado da imagem se modifica pelo contexto textual [...] fazendo do todo algo muito maior do que a simples soma das partes. (LEMKE, 2010:456)

Pensar que nenhum texto tem exatamente o mesmo significado que uma imagem e que, ao mesmo tempo, nenhuma imagem significa exatamente o conteúdo de um texto (cf. LEMKE, 2002, 2010) nos leva, mais uma vez, a refletir sobre alguns dos aspectos levantados por Kress (2010, 2012) em sua teoria semiótico-social multimodal, porque, como o próprio autor afirma, há por trás de tudo isso a noção de comunicação.

Nossas produções são resultado de uma intenção comunicativa, isto é, queremos comunicar algo e queremos que o outro apreenda determinados significados. Para isso, mais do que nunca, temos lançado mão de diferentes recursos semióticos para produção de significados: pautados nos significados que queremos construir, utilizamos diferentes *modes* porque sabemos que cada um deles tem potenciais diferenciados para significação. Esses *modes* são agrupados de acordo com os interesses da pessoa que comunica, com base na noção de quem é o seu interlocutor e de quais são seus interesses, e tendo também como guia algumas convenções, por meios das quais nossa sociedade nos dá indicações de formas particulares de uso desses *modes* (cf. KRESS, 2010, 2012).

Nos vídeos postados pelos surdos e analisados acima ficam evidentes que as escolhas dos recursos semióticos condizem com a intenção comunicativa dos autores dos vídeos e resultam em vídeos com uma lógica de organização bastante diferente. No primeiro vídeo analisado (*Surdofobia nº 001*) imagens em movimento, cores, logotipo e escrita foram alguns dos *modes* escolhidos pelo autor para compor seu

vídeo de caráter argumentativo, mas que tinha como intenção atrair o público surdo e ouvinte para a discussão do tema apresentado neste espaço. Com propósito diferenciado, embora também de caráter argumentativo, o segundo vídeo analisado (*RE: HOMOFOBIA E SURDOFOBIA 002*) organiza-se de forma semelhante a um texto escrito, com a disposição de diferentes autores (são três surdos que sinalizam no vídeo) apresentando um posicionamento sobre o tema.

### 3. Considerações finais: implicações para a educação de surdos

Como dito no início deste artigo, focalizar as práticas letradas multimodais em ambiente digital e ver nestas práticas a produção de significados complexos por meio da interação de diferentes modalidades significa a possibilidade de vislumbrar ganhos epistêmicos (MOITA LOPES, 2010) para o contexto educacional da surdez. Há ganhos porque podemos ir além de compreender essas práticas, assim como mostraram as análises dos vídeos, como uma possibilidade de participação social e ativismo político dos surdos, mas também podemos, a partir destas reflexões, repensar a educação desta classe da forma como ela vem acontecendo, já que observamos o uso de diferentes recursos semióticos em interação para produção de significados, ou seja, para a comunicação.

Vários autores na área da surdez já apontaram (de maneira meio holística) a importância do uso da imagem para os surdos, mas talvez seja este o momento para refletir de que forma isso já vem acontecendo e, a partir disso, pensar em formas de entrada desses conhecimentos no meio escolar, nos preocupando não apenas com uma leitura crítica de tudo o que já está disponível, mas também com a possibilidade de produção e distribuição de materiais que venham a ser produzidos.

É preciso encarar a possibilidade real de construção de significados por meio da utilização de diferentes modalidades no uso de ferramentas tecnológicas, entendendo os benefícios que há no uso desses meios, uma vez que estes possibilitam a veiculação de textos, imagens (fixas e móveis), de forma como nenhuma outra tecnologia possibilitou.

Direcionar nossos olhares para os diferentes *modes* em interação nas práticas de construção de significados, como nas práticas letradas em ambientes digitais, deve refletir em uma grande diferença para a educação, uma vez que não haverá apenas a ênfase na modalidade escrita da língua para a construção de significados, mas todas as outras modalidades serão entendidas como parte de um amplo conjunto de recursos semióticos disponíveis. Isso poderá repercutir, inclusive, em novas formas de engajamento dos alunos nas atividades em sala de aula. Para os surdos usuários de uma língua cuja modalidade é visual-gestual, isso pode significar uma grande mudança.

Em contextos de aprendizagem, como sugere Kress (2012) deve haver uma maneira de considerar tudo o que fora destacado, pois a formação de um aluno envolve muito mais do que apenas a língua por ele utilizada, envolve também a música que ele ouve, o filme a que ele assiste, a comida que ele come, a arquitetura que ele visualiza ao andar pelas ruas etc. Por esse motivo, os alunos chegam às escolas com bagagens muito diferentes e vão se expressar e produzir significados de maneira muito particulares e isso não pode ser descartado. É preciso, portanto, permitir que discussões como esta alcancem as práticas educacionais de sala de aula para, a partir de uma lente multimodal (cf. KRESS, 2012), repensar tais práticas, desde a formação dos professores que irão receber os alunos surdos em suas salas de aula até os materiais que eles utilizarão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAGA, D.B. Tecnologia e participação social no processo de produção e consumo de bens culturais: novas possibilidades trazidas pelas práticas letradas digitais mediadas pela internet. *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, 49(2), p.373-391, 2010.

CAMPOS, M.B.; SILVEIRA, M.S. Promoção da Cidadania da Comunidade Surda: o uso das TICs na apropriação de sua língua materna. *Anais do XXVII Congresso da SBC e XXXIV Seminário Integrado de Software e Hardware*. Rio de Janeiro, RJ, 2007. Disponível em: <<http://www.lbd.dcc.ufmg.br/colecoes/semish/2007/015.pdf>> Acesso em: 03 mar. 2012.

CAVALCANTI, M. C. Um olhar metateórico e metametodológico em pesquisa em linguística aplicada: implicações éticas e políticas. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma linguística indisciplinar*, São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 233-252.

\_\_\_\_\_; SILVA, I.R. "Já que ele não fala, podia ao menos escrever...": o grafocentrismo naturalizado que insiste em normalizar o surdo. In: KLEIMAN, A.B. e CAVALCANTI, M.C. *Linguística Aplicada: suas faces e interfaces*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2007.

CHRISTIE, K. et al. Close-up: Contemporary Deaf Filmmakers. *Deaf Studies Today*. Volume 2, 2006. Disponível em: <[42](https://ritdml.rit.edu/bitstream/handle/1850/10367/KChristieConfProc2006.pdf?sequence=)

DOVE, I.J. On images as evidence and arguments. *Topical Themes in Argumentation Theory - Argumentation Library* v.22, 2012, p.223-238. Disponível em: <[http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-007-4041-9\\_15#page-1](http://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-007-4041-9_15#page-1)> Acesso em: 15 mar. 2013.

GARCÊZ, R.L.O. Entre o silêncio e a visibilidade: o Orkut como espaço de luta por reconhecimento do movimento social dos surdos. *Anais do I Congresso Anual da Associação Brasileira de Pesquisadores de Comunicação e Política* - Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2006. Disponível em: <

[http://www.compolitica.org/home/wpcontent/uploads/2010/11/Garcez\\_2006.pdf](http://www.compolitica.org/home/wpcontent/uploads/2010/11/Garcez_2006.pdf)> Acesso em: 10 abr. 2012.

\_\_\_\_\_; MAIA, R.C.M. Lutas por reconhecimento dos surdos na internet: efeitos políticos do testemunho. *Rev. Sociol. Polit.* vol.17 n.34 Curitiba Out. 2009. Disponível em: <

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782009000300007&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-44782009000300007&script=sci_arttext)> Acesso em: 22 out. 2011.

GESUELI, Z.M. A escrita como fenômeno visual nas práticas discursivas dos alunos surdos. In: LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L. (orgs.) *Leitura e escrita: no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

GIORDANI, L.F. Encontros e desencontros da língua escrita na educação de surdos. In: LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L. (orgs.) *Leitura e escrita: no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2004.

GÓES, M.C.R.; TARTUCI, D. Alunos surdos na escola regular: as experiências de letramento e os rituais da sala de aula. In: LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L.; TESKE, O. (orgs.) *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

GUTIERREZ, E.O. *A visualidade dos sujeitos surdos no contexto da educação audiovisual*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília, 2011. Disponível em:

<[http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/9832/1/2011\\_EriclerOliveiraGutierrez.pdf](http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/9832/1/2011_EriclerOliveiraGutierrez.pdf)> Acesso em: 13 mar. 2013.

KARNOPP, L.B.; PEREIRA, M.C.C. Concepções de leitura e de escrita e educação de surdos. In: LODI, A.C.B., HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L. (orgs.) *Leitura e escrita: no contexto da diversidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

KJELDSSEN, J.E. Pictorial Argumentation in Advertising: Visual Tropes and Figures as a Way of Creating Visual Argumentation. In: EMEREN, F.H.; GARSSSEN, B. (Eds.). *Topical themes in argumentation theory*, 2012. p. 239-256. Disponível

em: <[http://www.academia.edu/1900971/Pictorial Argumentation in Advertising](http://www.academia.edu/1900971/Pictorial_Argumentation_in_Advertising)> Acesso em: 15 mar. 2013.

KRESS, G. Gains and losses: New forms of texts, knowledge, and learning. *Computers and Composition*, v.22, n.1, p.5-22, 2005.

\_\_\_\_\_. *Key concepts in Multimodality*. 2012. Disponível em: <<http://mode.ioe.ac.uk/2012/02/16/video-resource-key-concepts-in-multimodality/>> Acesso em: 2 dez. 2012.

\_\_\_\_\_. *Multimodality: a social semiotic approach to contemporary communication*. New York: Routledge, 2010.

LANKSHEAR, C. e KNOBEL, M. Sampling "the new" in new literacies. In: LANKSHEAR, C. E KNOBEL, M. (Eds.) *A new literacies sampler*. New York: Peter Lang, 2007, p. 1-24.

LEMKE, J.L. Travels in Hypermodality. *Visual Communication*, London, v.1, n.3, 2002. p. 299-325.

\_\_\_\_\_. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, 49(2), p.455-479, 2010.

LODI, A.C.B. et al. Letramento e Surdez: um olhar sobre as particularidades dentro do contexto educacional. In: LODI, A.C.B.; HARRISON, K.M.P.; CAMPOS, S.R.L. e TESKE, O. (orgs.) *Letramento e Minorias*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2002.

MACHADO, F.M.A. e FELTES, H.P.M. Comunidade surda e redes sociais: práticas de regionalidade e identidades híbridas. *Conexão – Comunicacão e Cultura*, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010. Disponível em:

<<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/viewFile/469/391>> Acesso em: 3 abr. 2012.

MOITA LOPES, L.P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trab.Ling.Aplic.*, Unicamp, Campinas, 49(2), p.393-417, 2010.

NEVES, G.V. Os surdos e as TIC's: O ambiente virtual como espaço de trocas interculturais e intersubjetivas. *Anais do VI Congresso Internacional de Educacão - Educacão e tecnologias: Sujeitos (des)Conectados?* - Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, 2009. Disponível em: <

<http://www.upplay.com.br/restrito/nepso2009/pdf/resumo/Os%20surdos%20e%20as%20TICs.pdf>> Acesso em: 3 nov. 2012.

NEW LONDON GROUP. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. *Harvard Educational Review*, Cambridge, MA, v.66, n.1, 60-92, 1996.

PRIOR, P. Moving multimodality beyond the binaries: a response to Gunther Kress' 'Gains and Losses'. *Computers and Composition*, v.22, n.1, p. 23-30, 2005.

ROJO, R. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

ROSA, A.S.; CRUZ, C.C. Internet: fator de inclusão da pessoa surda. *Rev. Online da Bibl. Prof. Joel Martins*, Campinas, v.2, n.3, p.38-54, jun.2001. Disponível em: < [http://www.cultura-](http://www.cultura-sorda.eu/resources/Silva-Cordeiro%20INTERNET%20FATOR%20+INCLUSAO%20DA%20PESSOA%20SURDA%202001.pdf)

[sorda.eu/resources/Silva-Cordeiro INTERNET FATOR +INCLUSAO DA PESSOA SURDA 2001.pdf](http://www.cultura-sorda.eu/resources/Silva-Cordeiro%20INTERNET%20FATOR%20+INCLUSAO%20DA%20PESSOA%20SURDA%202001.pdf)  
f> Acesso em: 7 out. 2010.

SANTANA, A.P.; BERGAMO, A. Cultura e identidades surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 565-582, 2005.

SELIGER, M. Visual rhetoric in outdoor advertising. In: *Undisciplined!* Design Research Society Conference 2008. Sheffield, UK. 16-19 July 2008. Disponível em: <<http://shura.shu.ac.uk/490/1/fulltext.pdf>>  
Acesso em: 11 abr. 2013.

SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. Língua, linguagem e mediação tecnológica. *Trab.Ling.Aplic.*, Campinas, 49(2), p.419-440, 2010.

SILVA, I. R. As representações do surdo na escola e na família: entre a (in)visibilização da diferença e da "deficiência". Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas: Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_ et al. Reflexões sobre a necessidade de estratégias de ensino diferenciadas nas práticas de letramento em contexto de surdez e escolarização a partir do uso de Jogos Eletrônicos. In.: *III COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE LETRAMENTO E CULTURA ESCRITA*. Outubro de 2010. Belo Horizonte/MG. Anais... Belo Horizonte: UFMG, 2010.

\_\_\_\_\_ et al. O uso da narrativa como instrumento didático para o ensino de português para surdos. In: SCHEYERL, D. e SIQUEIRA, S. (orgs.) *Materiais didáticos para o ensino de línguas na contemporaneidade: contestações e proposições*. Salvador: EDUFBA, 2012.

\_\_\_\_\_; KAUCHAKJE, S. e GESUELI, Z.M. (orgs.) *Cidadania, surdez e linguagem: desafios e realidades*. São Paulo: Plexus Editora, 2003.

SKLIAR, C. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, RS: Mediação, 1998.

Vídeo Surdofobia 001

Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=YgOLXERkA2Y>

Acesso em: 20 jan. 2012.

Vídeo RE: homofobia e surdofobia 002

Disponível em:

[http://www.youtube.com/watch?v=3F\\_CyP49fbU&feature=related](http://www.youtube.com/watch?v=3F_CyP49fbU&feature=related)

Acesso em: 20 jan. 2012.